

# SKATE E A CIDADE: UMA PESQUISA EM CRIMINOLOGIA CULTURAL

**Guilherme Michelotto Böes**

Especialista e Mestre em Ciências Criminais (PUCRS), Doutorando em Ciências Sociais (PUCRS), Pesquisador ICA, Bolsista FAPERGS.

**Sumário:** 1.Introdução; 2. Para uma breve compreensão da cidade e sua aproximação com skate; 3. Criminologia Cultural, Cidade e Skate; 4. Considerações iniciais; 5. Bibliografia.

**Resumo:** Possibilitar a pesquisa partindo da Criminologia Cultural na abertura de uma investigação da cidade no espaço das dinâmicas sócio-culturais pela prática do skate.

Palavras-chave: cidade, criminologia cultural, skate.

**Abstract:** Enable search from Cultural Criminology at the opening an investigation of the city in the space of dynamic socio-cultural into of practice skateboarding.

Key-words: city, cultural criminology, skateboarding.

## 1. INTRODUÇÃO

A possibilidade de aproximar a pesquisa em Criminologia Cultural e Skate, diante da construção da Cidade (no sentido da prática urbana), são os desafios aqui inicialmente propostos. Assim os resultados e abordagens realizadas estão em fase de amadurecimento da pesquisa em andamento. O objetivo, aqui, é problematizar os caminhos que essa investigação vem a desenvolver, no intuito de realizar as discussões prévias para o seu desenvolvimento metodológico, ou a *morte ao método*.<sup>1</sup>

Inicialmente pretendemos contribuir para a análise do espaço cultural urbano em que é realizado suas experiências do uso, e seu contra-uso (ou as vivências e experiências urbanas), pelo skate. A sociabilidade e fragmentações causadas pela cidade moderna e seu território contemporâneo, implicam manifestações subculturais em práticas e estilos próprios da vida urbana; sua *escrita*<sup>2</sup> e outros estilos de demarcação em que se sustentam o território.

A análise dessas práticas culturais e sociais, ao modo que segrega os espaços para o consumo, não se trata, necessariamente, do esvaziamento do sentido desses espaços

---

<sup>1</sup> FERRELL, Jeff. *Morte ao método*: uma provocação. Trad. Salo de Carvalho e Simone Halliot. DILEMAS: revista de estudos de conflito e controle social, v.5, n°1, 2012 – pp.157-176.

<sup>2</sup> A palavra escrita está relacionando á identidade das tribos, e sua constituição no reconhecimento de grupo.

urbanos ou o esvaziamento do uso de apropriação política dos lugares, mas a sua qualificação como espaço público.<sup>3</sup>

Diante desse fenômeno urbano é a necessidade de perceber os diversos comportamentos dessa subcultura, suas manifestações culturais com amplas interpretações e integrações no estilo da urbe. “A análise das formas de *ser* e de *estar, na e com* as tribos urbanas, a partir do olhar extramoral dos seus rituais e da sua estética, constitui-se uma das principais formas de abordagem criminológica cultural.”<sup>4</sup>

Não se trata, aqui, de analisar a gestão dos espaços públicos pelo skate com foco na criminalidade e suas novas abordagens intervencionistas pelas práticas governamentais e suas metas de controle social.

## **2. PARA UMA BREVE COMPREENSÃO DA CIDADE E SUA APROXIMAÇÃO COM SKATE**

A possibilidade de pesquisar a cidade, sob seu olhar distinto das racionalidades jurídicas, e uma aproximação das pesquisas etnográficas e da Criminologia Cultural permite, em um primeiro momento, a análise (mesmo que brevemente) da composição da cidade na dinâmica do século XXI.

Portanto, a cidade é hoje uma “selva de concreto”, com seus muros cada vez mais imponentes sejam com prédios cada vez mais altos, seja com os condomínios residenciais. A cidade é cada vez mais concreto, asfalto, ferro.<sup>5</sup>

Mike Davis<sup>6</sup> lembra que agora a cidade é para os carros, em uma forma de militarizar as rodovias, pois já temos localidades com um carro para cada 2 pessoas. Vejam se há 1 milhão de pessoas em uma cidade do Brasil temos 500mil carros nas ruas, sem contar o contingente de caminhões de serviços e ônibus do transporte público. A Cidade

---

<sup>3</sup> LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea*. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

<sup>4</sup> CARVALHO, Salo de. Das subculturas desviante ao tribalismo urbano (itinerários da Criminologia Cultural através do movimento punk). *Criminologia Cultural e Rock*. Marcelo Mayora/Moysés Pinto Neto [et. al.]. RJ: Lumen Juris, 2011.

<sup>5</sup> Para a compreensão da transição da Cidade no uso de ferro: a Cidade Moderna, sugerimos a leitura de Walter Benjamin, *Paris, Capital do século XIX*.

<sup>6</sup> DAVIS. Estrada de metal pesado. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Ermínia Maricato [et. al.]. SP: Boitempo, 2013.

está cada vez mais robotizada e a “estratégia básica da guerra rodoviária nos horários de pico é aterrorizar o carro da frente”.

Isso mesmo aterrorizar cada humano, ou vida (há buzinas para espantar cachorros e pássaros), uma Cidade cada vez futurística, não há trânsito (mas congestionamento), ou possibilidades, de cada pessoa usufruí-la pessoalmente em ar livre.

*Skate or die.*

A rotina da cidade e nos centros urbanos é do tempo acelerado, a convivências humanas são raras, mas aí meus amigos *viver, andar de/no skate ou morrer (Skate or die)*, esse é o lema para usufruir essa Cidade.<sup>7</sup>

Romper cada obstáculo que impede uma circulação, o cenário da cidade é o contato com o mundo moderno degradado; deparar com concretos da arquitetura, não apenas de uma passagem para o deslocamento, mas o viver intenso que a vida moderna retira.

Opor-se contra a sociedade motorizada é uma tentativa do skate e seus costumes. E pela possibilidade de andar sobre quadro rodas, andar com dois eixos, mas esse andar não é a partir da indústria automobilística, esse andar é romper, quebrar, rasgar, e ninguém conseguir parar, *skate or die*.<sup>8</sup>

O skate tem uma grande visão de confronto no uso e contra-uso da cidade. Ele opera contra a ordem moderna dos veículos automotores, tornando-se uma subcultura de grande visibilidade na sua diferença com o contexto cultural no qual estamos inseridos.

A necessidade de (re)confrontação no imaginário cotidiano das cidades contemporâneas deve ser, necessariamente, confrontada com a história da mentalidade do desenvolvimento urbano. Esse é o sentido de o homem *civilizado* da metrópole retornar ao seu estado de isolamento, tornando-se obtuso, evitando os atritos do mecanismo social tornando-se inúteis à determinados hábitos que nos tornam sociedade. A necessidade de manter-se em uma distância cética e crítica em cada situação e lugar da cidade.

---

<sup>7</sup> Se a urbanidade não pode mais ser sinonímia de cultura e boa educação (veja-se que o vilão – malcriado – é o sujeito da vila, do vilarejo), as cidades também têm poesia. Marginal, agressiva, espinhenta, *bullynesca*. Suja, contaminada. Impiedosa. Drogada, *heroinômana* – ao ponto de anestesiarem a dor constante e provocar minutos sabidos de paz falsa, como um abraço em meio à chuva no corredor de ônibus lotado. Daí vem a pergunta: paz, por um minuto, não foi paz? Há muito de selva na nossa selva de concreto. In: Divan, Gabriel. *O grito vem da rua*. Disponível: <https://gabrieldivan.wordpress.com/2011/05/30/o-grito-vem-da-rua/>.

<sup>8</sup> ...i'm busting out of this hole/ breaking out and breaking in i have got an evil soul/ripping shit with a wicked grin i know my enemies/everyone who's not like me don't ya try and stop me, pig/ i'm on my board and now i'm free... (*Skate or die – by NO-CASH*)

*Com base no corpus global da experiência urbana e no desenvolvimento crescente de sua metalinguagem, a investigação acerca do desenho urbano deflagra vasto e fértil campo de sondagens epistemológicas entre natureza (physis) e cultura (anti-physis), evidenciando movediças esferas noológicas: de um lado introduzindo a questão do funcionamento e estabilidade da trama espaço-ambiental que esse desenho projeta; de outro, buscando detectar certas motivações fundantes intrínsecas a essa trama, em focos de incidência de vida urbana, não raras vezes operando com extremos sintáticos-semânticos.<sup>9</sup>*

Em análise da realidade atual, as insatisfações de um grupo social de grande relevância na sociedade (e estrutura social) moldam-se em uma aspiração coletiva de uma nova sociedade<sup>10</sup>. A introdução da metrópole tem pelos seus fundamentos sensitivos de vida moral, pela grande quantidade de consciência exigida, apresenta uma diferença profunda com as suas (des)apropriações em que se organiza seu tempo no espaço territorial.

Como fator social é um elemento essencial da determinação do homem em seu *tempo-espaço* totalizado de sua realidade objetiva. O território pode vir a se representar como o exercício funcional de cidadania, como significação ativa, concretizando as relações sociais, de vizinhança e solidariedade, de poder. No território as desigualdades tornam-se evidente entre os cidadãos, suas condições de vida diferenciadas na mesma localidade, entre a presença e ausência de serviços públicos e a presença de suas qualidades<sup>11</sup>.

A pesquisa na cidade apresenta esses desafios específicos em sua forma de trabalhar, diversidade de mundo, metamorfoseada é a vida metropolitana em suas desenvolturas.<sup>12</sup> Dentro do fetichismo de consumo e as compreensões do sujeito no cotidiano vivido, à possibilidade da utilização de espaço de encontro entre arquitetura e Criminologia, na forma de sua resistência urbana dos encontros possibilitados pela prática do skate.

---

<sup>9</sup> ELIAS, Eduardo de Oliveira. *Escritura urbana: invasão da forma, evasão do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p.12

<sup>10</sup> SOBOTTKA, Emil A. Utopias e projetos: reflexões sobre mudança e controle social no Brasil. *in: Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos*. [org. Gauer, Ruth Maria Chittó]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.169.

<sup>11</sup> KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003. p.33.

<sup>12</sup> MOURA, Cristina Patriota. Vivendo entre muros: o sonho de aldeia. *In: Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Gilberto Velho e Karina Kuschnir (org.). RJ: ZAHAR, 2003. pp. 43-54.

### 3. CRIMINOLOGIA CULTURAL, CIDADE E SKATE

Destacamos, nesse sentido, uma retomada do entendimento da Criminologia Cultural nas possibilidades de investigação desses espaços produzidos na(s) cidade(s) contemporâneas. HAYWARD em recente artigo<sup>13</sup> oferece uma possibilidade de discussão sobre o espaço social da cidade, em sua dimensão geográfica, no intuito de que o espaço cultural em que estamos inseridos na dinâmica da percepção do fenômeno urbano na modernidade e sua representação da vida na metrópole.

Ao possibilitar o acompanhamento das representações e as mudanças na *paisagem urbana*, o skate percorre esse itinerário urbano fragmentado, ou criado, pela sua ocupação. Ao reconhecer esses espaços os indivíduos - podem ali - afirmar suas *diferenças*, representações e territorialidade de pertencimento, ou seja, “[...] os diferentes sentidos atribuídos aos ‘lugares’ e a forma como são apropriados (‘consumidos’) demarcam as tensões e disputas em torno dos ‘usos’ e ‘sentidos’ atribuídos aos espaços urbanos enquanto ‘espaços públicos’.”<sup>14</sup>

A imagem que segue é um exemplo a ser retratado pela metrópole. Ao mesmo tempo em que os objetos que compõem os móveis das residências, são abandonados em vários pontos da cidade – na maioria das vezes em lugares que não recebem melhorias pelo poder público – eles acabam “compondo” o ambiente físico em que foi produzida a arquitetura moderna/contemporânea. A análise do território deve-se estender em seu uso, em sua noção espacial em que ele está inserido em nossa vida. O entendimento ao uso de território é na possibilidade de entender os *sentidos* de existência, seja individual ou coletiva.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> HAYWARD, Keith. *Five space of cultural criminology*. The British Journal of Criminology.

<sup>14</sup> LEITE, Rogerio Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2ª ed. Campinas: Editora UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2007. p.67.

<sup>15</sup> “Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território).” Ver: SANTOS, Milton. O retorno do território. *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1998. p.19.



Fonte: <http://vista.art.br/edicoes/2013/06/vista-048/>

A crescente (re)urbanização da metrópole, entre planejamento de novos bairros como pressupostos de melhoria da qualidade de vida populacional, é a necessidade de rediscutir estes novos suportes físicos de uso social e urbano e sua inclusão no debate na relação sociedade e espaço. Possibilitar a análise e as condições concretas do enfrentamento social que variam durante o longo tempo da organização<sup>16</sup>, e urbanização da metrópole, na inclusão das culturas de mobilidade mais humana.

Para explorar essa questão, é necessário adentrar na experiência individual do cotidiano, e seu grupo em questão, pois é importante nós sabermos as formas individuais privadas e o estado da mentalidade como produto cultural. Distinguir a relação dos indivíduos na cidade é tarefa difícil, mas é fundamental para a percepção do fenômeno urbano na modernidade, como construção da vida na cidade<sup>17</sup>

O espaço urbano da experiência desenvolve o seu crescente uso, criando um vasto campo de investigação multidisciplinar em suas sondagens da natureza e cultura de funcionamento e estabilidades do espaço-ambiental em que projeta o seu desenho.

---

<sup>16</sup> RIGATTI, Décio. Espaço da cidade e estruturação social. *Estudos urbanos*: Porto Alegre e seu planejamento. Org. Wrana M. Panizzi; João F. Rovatti. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura de POA, 1993.

<sup>17</sup> HAYWARD, Keith. *City Limits*: crime, consumer and the urban experience. p.24

Portanto é necessário destacar o artigo de HAYWARD que possibilitou a abertura de investigação a partir dos espaços “Parafuncionais”. Esses espaços são considerados espaços abandonados ou que estão em ruínas. Pode ser aquilo que chamamos de resíduos na cidade, são sem funções de utilidade, não fazem parte do seu planejamento de utilização.

A brutalidade das transformações ocorridas nas cidades nas últimas décadas, e recentemente no Brasil, mostra que o passado ainda está presente como desenvolvimento tecnológico. As constantes transformações no tempo situam o espaço como algo a ser realizado. O tempo morreu nesses espaços, mas o espaço como estrutura que se mantém no tempo é a manutenção do presente.<sup>18</sup>



Fonte: <http://vista.art.br/edicoes/2013/08/vista-049/>

Pelas possibilidades de se deslizar pela cidade como referência de existência no comportamento de identificação além dos *limites* da sociedade. A forma de se diferenciar na composição dos sujeitos que compõem a metrópole e sua vida “tradicional”.

---

<sup>18</sup> Conforme Milton SANTOS: “O que se acha diante de nós é o ‘agora’ e o ‘aqui’, a atualidade em sua dupla dimensão espacial e temporal.” *In: Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982. p.10.

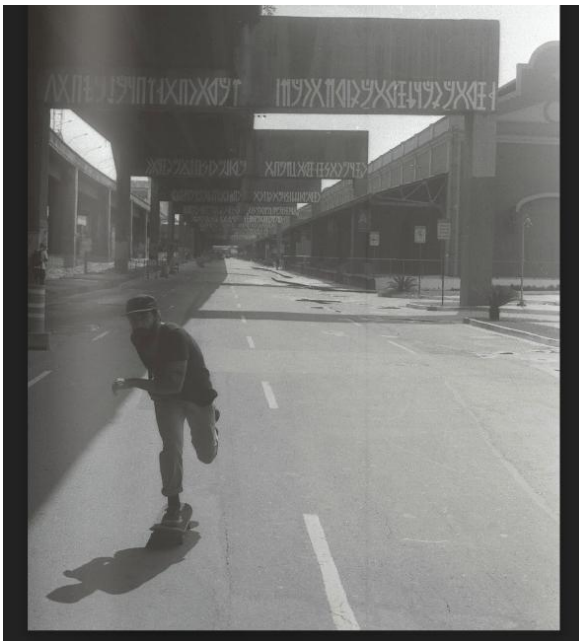


O skate como ato de criação para utilização desses espaços territoriais sem vida pode vir a ser uma construção, do contrato social, nas novas formas ou códigos de comportamento<sup>19</sup>.

É a partir desse comportamento de autonomia da linguagem urbana em seu desenho corporificado na definição simbólica de codificações das funções que se inscreve no espaço, sobre o espaço e seu grafismo espacial. A identidade de resistência que se constrói na imagem do ambiente a sua identificação com seu objeto, ou melhor, a sua individualidade/unicidade de sua relação espacial.<sup>20</sup>

Devemos, a partir das apropriações, possibilitar compreender a subcultura do skate e sua forma de inscreve-se na dominação *contra* a ordem pública do Estado (sociedade) na produção de desigualdades urbanas e os novos modelos de construção dos espaços públicos.

A arquitetura e os espaços da cidade moderna não impendem totalmente à ação dos movimentos do homem. A “redução” do espaço pela dinâmica da estrutura do sistema capitalista em espaços abertos e fechados da cidade não é uma ação dinâmica percebida pelo skate.



fonte: <http://vista.art.br/edicoes/2013/08/vista-049/>

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista*. p.76.

<sup>20</sup> LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



A sociedade convive com sua *territorialidade humana* preocupada com seu destino; seu avanço na sociedade individualizada e condicionada pelo seu modelo de “nova” civilização, novos espaços, novos territórios. Em sua representação de felicidade, ordem, segurança como produto do consumo refaz toda a relação do indivíduo na metrópole (e o seu espaço urbano).

O skate desafia as noções dos espaços, pois apenas oferece um mecanismo de utilização autônoma na construção de seus processos de trocas simbólicas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Devemos constatar que esse projeto de pesquisa está em seu início no Doutorado em Ciências Sociais da PUCRS. Apresenta, pois, um desafio de pesquisa sobre a metrópole de Porto Alegre e a sua interação com o skate, a partir de uma pesquisa multidisciplinar, por isso optamos por uma abordagem em Criminologia Cultural. Destacando, então, que partimos de considerações iniciais para realizar a pesquisa.

Ao se analisar o espaço urbano, em conjunto com a prática de skate, podemos iniciar um amplo estudo sobre os diferentes modos de vida e estilo presente na população; por outro lado poderemos compreender o significado das interações do espaço urbano, o movimento urbanista da cidade.

Isso se deve ao fato de que muitos dos skatistas utilizam as fotografias, que são disponibilizadas de si, em revistas especializadas do esporte para se sustentarem. A oportunidade de os skatistas terem um emprego na utilização desses espaços, esses espaços são em sua construção espacial e uma área em disputa.

As transformações dos *espaços* urbanos violentos que circulam nas trocas de intercâmbio simbólico e, suas formas de aplicação na manutenção e reprodução de programas de políticas públicas, invertem o sentido da manifestação cultural. Faz com que o espaço seja entre o civilizado e o *não* civilizado, criando as fronteiras territoriais dentro da metrópole (espaço de ordem) e a fronteira cultural (espaço de cultura). Toda cultura é a manifestação contra a ordem imposta é sua exploração de inserção do espaço humano na *realidade* vivida.

A *violência* urbana e sua manifestação na urbe podem vir a ser respondidas diante a fragmentação dos espaços sociais.

Diante das políticas urbanas nesse século XXI, a cidade situa-se nessa batalha em *campos* de legitimação, em busca de suas *liberdades*, antes sua posse.

Constrói, destrói, a cidade urbana fragmenta todas as relações sociais que ficam perdidas na história em seu processo de destruição. Libertar o sujeito dessa destruição é construir a representação do mundo não como *tempo*, mas no sentido de um mundo por vir.

Como a trilha sonora muito ouvida pela skatistas na década de 70/80, da banda *The Clash, Death or Glory*.

*A morte ou a glória se transforma em apenas outra história*<sup>21</sup>, os longos caminhos a percorrer e, a ser percorrido, o skate lança esses novos caminhos para a compreensão da vida metropolitana fragmentada.

A necessidade de compreender a relação histórica da ordem social urbana na composição de sua paisagem no espaço e tempo vivido. As rugosidades de cada detalhe que está segregada na estrutura da cidade, sua simetria e formas de vida, é o longo esforço da humanidade de se manter como vida. *Em cada porão escuro em cada rua escura*<sup>22</sup>.

A composição da rotina de existência do espaço público, faz com que o skate estabeleça a quebra dessa ordem, como uma nova forma de afirmações de identidades dos sujeitos na cidade<sup>23</sup>. É dessa curta história do desenvolvimento da metrópole na modernidade torna a necessidade de compreender a inscrição das culturas na cidade em cada um dos aspectos em que ela desenvolve.

*Death or Glory, Skate or Die!*

## 5. BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista:** juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade:** lugares e espaço público na experiência contemporânea. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

CARVALHO, Salo de. Das subculturas desviante ao tribalismo urbano (itinerários da Criminologia Cultural através do movimento punk). **Criminologia Cultural e Rock.** Marcelo Mayora/Moysés Pinto Neto [et. al.]. RJ: Lumen Juris, 2011.

---

<sup>21</sup> Death or glory becomes just another story. The Clash

<sup>22</sup> From every dingy basement on every dingy street. The Clash

<sup>23</sup> Nesse sentido LINCK vê a possibilidade da transgressão *uma rebeldia necessária*. Ver: LINCK, José Antônio G. Malandro quando morre vira samba: criminologia marginais de Madame Satã e Mano Brow. *In: Criminologia Cultural...*

DAVIS. Estrada de metal pesado. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** Ermínia Maricato [et. al.]. SP: Boitempo, 2013.

DIVAN, Gabriel. **O grito vem da rua.** Disponível:  
<https://gabrieldivan.wordpress.com/2011/05/30/o-grito-vem-da-rua/>.

ELIAS, Eduardo de Oliveira. **Escritura urbana: invasão da forma, evasão do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1989.

FERRELL, Jeff. **Morte ao método: uma provocação.** Trad. Salo de Carvalho e Simone Halliot. **DILEMAS: revista de estudos de conflito e controle social**, v.5, n°1, 2012 – pp.157-176.

HAYWARD, Keith. **Five space of cultural criminology.** The British Journal of Criminology. (2012) 52 (3), pp. 441-462.

\_\_\_\_\_. **City Limits: crime, consumer and the urban experience.** Londres: The GlassHouse Press, 2004.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos.** São Paulo: Cortez, 2003.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** 2ª ed. Campinas: Editora UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LINCK, José Antônio G. Malandro quando morre vira samba: criminologia marginais de Madame Satã e Mano Brow. **Criminologia Cultural e Rock.** Marcelo Mayora/Moysés Pinto Neto [et. al.]. RJ: Lumen Juris, 2011.

MOURA, Cristina Patriota. Vivendo entre muros: o sonho de aldeia. *In: Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.* Gilberto Velho e Karina Kuschnir (org.). RJ: ZAHAR, 2003.

RIGATTI, Décio. Espaço da cidade e estruturação social. **Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento.** Org. Wrana M. Panizzi; João F. Rovatti. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura de POA, 1993.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **Território: Globalização e fragmentação.** São Paulo: HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1982.

SOBOTTKA, Emil A. Utopias e projetos: reflexões sobre mudança e controle social no Brasil. *in: Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos.* [org. Gauer, Ruth Maria Chittó]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.169.

